

UMA LEITURA DOS AMORES DE STENDHAL EM “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”

Amanda Maraschin BRUSCATO⁸

Karen Joana Castro BUGANI⁹

RESUMO: O presente trabalho analisa o livro de Machado de Assis “Memórias Póstumas de Brás Cubas” a partir do livro “Do Amor”, de Stendhal. Brás Cubas, narrador-personagem do romance, possui quatro amores em sua vida: Marcela, Virgília, Eugênia e Nhã-Loló. Existem também quatro tipos de amor, segundo Stendhal: o amor-físico, o amor-paixão, o amor- vaidade e o amor-gosto. Sem a intenção de encaixar cada tipo de amor proposto por Stendhal em cada relacionamento vivido pelo protagonista, desejamos descobrir de que modo as duas obras dialogam.

PALAVRAS-CHAVE: Amor; Machado de Assis; Memórias Póstumas de Brás Cubas; Stendhal.

Este trabalho tem por finalidade analisar o livro de Machado de Assis “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, tomando como questão central o tema do amor. No prólogo do livro, Machado cita Stendhal, escritor francês que em seu livro “Do amor” escreve sobre quatro tipos de amor: amor-físico, amor-paixão, amor- vaidade e amor-gosto, que serão explicados mais adiante no artigo.

Os amores que Brás narra, coincidentemente, também são quatro: o amor por Marcela, Virgília, Eugênia e Nhã-Loló. Nesta pesquisa, pretendemos analisar os quatro amores de Brás e relacioná-los com os quatro tipos de amor descritos por Stendhal, servindo-nos, para isso, de trechos de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e de alguns textos críticos.

Para apresentarmos o perfil de cada uma das mulheres, tomamos por referência o texto “Um mestre na Periferia do Capitalismo”

⁸ Graduanda. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

⁹ Graduanda. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

de Roberto Schwarz, que, além de abordar diversos aspectos interessantes do livro, faz um excelente estudo da presença de cada uma das mulheres no livro, principalmente de Virgília e de Eugênia. Ademais, consideramos também relevante para este trabalho o texto de Augusto Rodrigues, "Mulheres Póstumas de Brás Cubas: Virgília redescoberta", uma vez que ele reforça a ideia de Virgília se destacar no romance não apenas por ser a primeira e última mulher a ser citada nas *Memórias*, mas por ser o amor imortal de Brás, a ponto de tornar-se leitora. Decidimos, a partir dessa ideia, tratar o amor de Virgília de forma especial, como é feito no romance. Desejamos, com este estudo, responder à seguinte questão: Considerando o tema do amor, de que modo "Memórias Póstumas de Brás Cubas" dialoga com Stendhal?

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" é um livro narrado em primeira pessoa pelo defunto autor (e não autor defunto, como ressaltado no prólogo pelo narrador). Logo, estudamos um relato que parte de um ponto de vista específico, que limita as informações que recebemos sobre os acontecimentos e outros personagens.

Não estamos lidando com um narrador onisciente, mas sim com um narrador-personagem que nos conta seu passado – suas memórias – através de sua visão, ou seja, da visão de um aristocrata/burguês carioca da metade do século XIX, que, por estar morto, escreve sem amarras morais ou sociais. Partiremos, portanto, da noção de que, para analisar os amores de Brás, teremos unicamente o que ele nos conta, sem dispormos do relato pessoal de como cada uma dessas mulheres se sente em relação a ele.

Segundo o narrador-personagem,

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora

a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos, não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados. (MACHADO, 2014, p.103-104)

Neste momento, devemos estar atentos. Apesar de Brás afirmar que, como está morto, é totalmente franco, não podemos deixar-nos enganar por suas palavras.

Ainda que aceitemos a existência de um defunto autor, não podemos confiar em sua imparcialidade. No texto, Brás demonstra diversas vezes seu exagero e narcisismo. É um narrador-personagem que logo no prólogo se mostra petulante com o leitor, prometendo-lhe desde já um “piparote” caso o livro não lhe agrade.

Essa rixa constante entre autor e leitor é abordada por Schwarz (2001), que afirma que a retórica e a falta de sinceridade manipulam as aparências, colocando a desconfiança a serviço da representação. Assim, cria-se entre autor e leitor uma luta em busca do sentido e da rotulação recíproca, em que um tenta diminuir o outro.

“Memórias Póstumas de Brás Cubas” é realmente um livro inovador. Quando publicado, em 1880, rompe com o que Machado vinha escrevendo até então, e inaugura sua “segunda fase”, uma fase de romances e contos excelentes, que pedem um leitor atento e desconfiado, que não simplesmente acredite em tudo o que o narrador lhe diz.

O narrador desse momento não é mais onisciente, mas conta sobre aquilo que presenciou, é um narrador-personagem, ou seja, narra sobre si mesmo, em primeira pessoa. E por isso há o questionamento de sua verdade, afinal, é apenas uma das verdades, limitada, por exemplo, por sua visão dos relacionamentos, não havendo aqui espaço para as visões que tinham as mulheres com quem se relacionou.

Brás, assim como Bentinho, aparenta contar a verdade única, se é que ela existe. No entanto, ambos apresentam apenas sua visão dos

fatos, que, sendo eles protagonistas da história, está contaminada por suas crenças e preconceitos. Contam, então, o que e como querem contar.

O defunto autor já alerta ao leitor: “A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho.” (MACHADO, 2014, p.59).

Assim como Stendhal, que já escreveu pensando na possibilidade de apenas cem leitores, Machado escreveu para leitores até então inexistentes. O autor é responsável por mudar o modo como lemos literatura.

Desse modo, Machado rompe com as tradições, não se enquadrando no Realismo nem no Romantismo. Deixa que as *Memórias* do defunto desafiem o leitor, valendo-se de ironias críticas ao longo da narrativa.

O narrador-personagem é egoísta, egocêntrico, narcisista, petulante, irônico, e outros mais adjetivos similares. Ao contrário de outros protagonistas que também se aproximam do Realismo, como Dom Casmurro, que fracassou na vida amorosa, mas teve sucesso na vida social, o nosso protagonista não teve sucesso em nada.

Brás Cubas foi um homem sem legados. Não se destacou profissionalmente, nem se casou ou teve filhos. Dessa maneira, Machado ri dos valores dessa nova burguesia (ainda muito ligada à aristocracia), contrariando qualquer sucesso esperado.

Brás, então, após terminar sua vida sozinho, conta suas memórias e seus amores com “a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (MACHADO, 2014, p.53), trazendo uma visão bastante negativa das mulheres. Em parte, age assim devido à sua vaidade, mostrando que, do mesmo modo que ele não teve um “final feliz”, tampouco elas o tiveram.

Nas *Memórias*, o escritor francês Stendhal é citado duas vezes, sendo uma delas no prólogo. Brás faz referência à sua obra “Do amor”, na qual Stendhal define quatro tipos de amor e o divide em fases.

Stendhal é pseudônimo de Henri-Marie Beyle (1783-1842). O MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 17, n. 1, p. 40-57

autor escreveu seu livro na Itália, baseando-se em suas experiências amorosas e em suas leituras. No entanto, teve que abandonar o país após ser acusado de apoiar o movimento independentista italiano, e publicou seu livro em 1822, quando já havia regressado à França.

Conforme dito anteriormente, da mesma maneira que Stendhal apresenta quatro amores, Brás fala sobre quatro mulheres com as quais se relacionou. Deste modo, o autor instiga a análise de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” em diálogo com “Do amor”.

Antes de adentrarmos em cada um dos amores, explicaremos brevemente a divisão e definição dos quatro amores presentes em “Do amor”. O primeiro (segundo a ordem apresentada por Stendhal) é o amor-paixão, aquele que leva o amante a tomar atitudes fora de seu próprio interesse em prol do sentimento. O segundo é o amor-gosto, que não traz consigo preocupações ou grandes decisões, seria um amor extremamente conveniente. O terceiro é o amor-físico, que iniciaria com a puberdade e com a descoberta dos desejos sexuais. E por último, o amor- vaidade, aquele em que a pessoa amada é venerada por sua beleza ou por algum traço que a torne especial e diferente de todas as outras. Neste tipo de amor, a pessoa amada é vista como um objeto necessário para a satisfação pessoal.

Além de propor os quatro tipos de amor, Stendhal também propõe uma divisão do amor nas seguintes fases:

1ª: admiração;

2ª: prazer do beijo;

3ª: esperança do amor;

4ª: surgimento do amor;

5ª: cristalização, ou seja, o ser amado é visto como alguém perfeito;

6ª: dúvida de que é de fato amado.

*Após a 6ª fase, pode haver um revezamento entre outra cristalização e a dúvida.

Brás Cubas também propõe uma divisão de seu primeiro amor (por Marcela) em fases, porém são apenas duas e são diferentes das de Stendhal: a primeira seria a fase consular e a segunda a imperial. Ainda que encontremos algumas fases em suas relações, nem todos

MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 17, n. 1, p. 40-57

os amores de Brás Cubas passaram por todas as fases propostas em “Do amor”, inclusive pela razão da não concretização de todos esses amores.

Antes de iniciarmos a análise dos amores presentes nas *Memórias*, devemos salientar o fato de que, embora haja quatro tipos de amor diferentes em “Do amor” e quatro mulheres “amadas” nas *Memórias*, não pretendemos relacioná-los biunivocamente, uma vez que consideramos improvável que Machado haja meramente transplantado os quatro amores de Stendhal para seu livro. Não há, portanto, propósito e tampouco pretensão de nossa parte em tentar encaixá-los.

Começaremos nosso estudo com Marcela, pois ela foi o primeiro amor de Brás Cubas. Foi a ela que Brás, aos dezessete anos, deu seu primeiro beijo. A “linda Marcela”, como era chamada pelos rapazes do tempo – segundo o narrador –, era uma prostituta espanhola “amiga de dinheiro e de rapazes”.

“Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente” (MACHADO, 2014, p.85). Brás nos conta que, assim que a viu, enxergou nela um desgarré, alguma coisa que nunca achara nas mulheres puras. Percebe-se que esse primeiro olhar lançado sobre Marcela já é um olhar permeado de sexualidade.

Em “Do amor”, Stendhal diz que o amor físico começa por volta dos dezesseis anos. Ao considerarmos a idade que Brás tinha ao conhecer Marcela (dezessete anos) e o fato de ele desejá-la instantaneamente, acreditamos haver aqui uma relação entre o amor de Brás por Marcela e chamado amor-físico de Stendhal.

Além disso, há outro trecho no qual Stendhal menciona que a inquietação dos dezesseis anos é uma sede de amar, e que “é próprio dessa sede não ser excessivamente exigente quanto à natureza da bebida que o acaso oferece” (STENDHAL, 1993, p.11). Brás parece desconsiderar, provavelmente por ser tão jovem, que Marcela era antes amiga de dinheiro do que de rapazes, e que, embora ele tivesse a sua fase imperial – na qual ele era o único a receber os amores da espa-

nhola –, ela não tinha por ele o mesmo sentimento e não estava disposta a fazer os mesmos esforços desmedidos.

Neste primeiro amor de Brás, sua idade, seu desejo inicial por Marcela – de ordem sexual – e sua sede de amar nos permitem associá-lo ao amor-físico de Stendhal. Marcela, no entanto, não parece ser movida pelos mesmos impulsos e sentimentos (lembrando que esta informação nos chega a partir da ótica do narrador, que descreve as mulheres como vaidosas e interesseiras). Ela apenas continua relacionando-se com Brás por causa das joias com que era presenteada – ou sacrifícios, como nomeia o narrador.

O amor de Brás por Marcela chega até a última fase (segunda cristalização), na qual ele a enxerga como um “monstro que jamais o amara”, mas em seguida joga-se aos seus pés e compra-lhe outra joia, na esperança de levá-la para a Europa. O pai de Brás o manda sozinho para o outro continente, e, com o tempo, Brás finalmente a esquece (depois de haver cogitado inclusive o suicídio).

É importante ressaltar que, aos quarenta anos, quando Brás reencontra Marcela em uma joalheria, ele se questiona se todo o sofrimento e todos seus esforços teriam valido a pena. Brás já está mais maduro e, além disso, vê que toda a beleza de Marcela – responsável pela primeira atração – havia se esvaecido. Em seguida, no mesmo capítulo, intitulado “A Quarta Edição”, Brás justifica os esforços desmedidos feitos em prol desse amor afirmando que aos dezesseis anos estaria ainda em sua primeira edição (agora está na quarta), e que ele havia sofrido em consequência de sua ingenuidade e inexperiência. No final, conclui que ela o havia amado por “quinze meses e onze contos de réis”.

Em Stendhal, temos a visão “científica” de amores românticos. Embora o amor de Brás por Marcela convirja em alguns pontos com o amor-paixão de Stendhal, devemos lembrar que, no amor de Brás, uma perspectiva materialista (realista) sobrepõe-se ao romantismo, uma vez que ele compra o amor de Marcela com joias e chega a mencionar que ela lhe pagava à farta esses sacrifícios:

Espreitava os meus mais recônditos pensamentos; não havia desejo

a que não acudisse com alma, sem esforço, por uma espécie de lei da consciência e necessidade do coração. Nunca o desejo era razoável, mas um capricho puro, uma criancice, vê-la trajar de certo modo, com tais e tais enfeites, este vestido e não aquele, ir a passeio ou outra coisa assim, e ela cedia a tudo, risonha e palreira [...] com uma obediência de encantar. (MACHADO, 2014, p.89).

Ainda assim, no capítulo XX, Brás utiliza a seguinte frase: “praticava o romantismo prático e liberalismo teórico”. Há uma discrepância entre o discurso de explicação da realidade e a própria realidade, o que faz com que Brás perca a consistência em tudo. Ele não é um liberal no sentido de conhecer propriamente a doutrina liberal e defendê-la, utiliza essas palavras apenas para satisfazer e defender o interesse íntimo e pessoal, sem maior intenção de obter clareza. Deste modo, vemos que o narrador ora é liberal, ora é realista, ora é romântico, de acordo com o que lhe interessa mostrar ao leitor.

Podemos observar que, ao falar de amor, Brás Cubas distorce as duas concepções. Primeiramente, ele desfaz a idealização romântica, pois em todos os momentos no qual o leitor pode esperar algum desfecho dessa ordem, essa expectativa é frustrada. O caso se repete, ainda que por motivos diferentes, nos quatro amores de sua vida, sendo que no caso de Eugênia – como veremos em seguida – não há nenhum motivo que realmente possa justificar esse desfecho não romântico; em Nhá-Loló, também veremos como a vaidade prevalece, negando ao leitor a possibilidade de ver o amor romântico, que infringe as barreiras das classes, como sucede com Bentinho e Capitu. Na dimensão política, ele é apenas liberal na teoria, pois ele jamais deixa de ser um escravocrata na prática. Deste modo,

A ironia e a volubilidade da narrativa são a técnica pela qual incide a crítica ao princípio da modernização conservadora e a continuação dos pressupostos e características coloniais na sociedade novecentista brasileira. (ARAÚJO et. al., 2016, p.57)

A contradição presente no novo burguês do século XIX também aparece no amor de Brás por Eugênia. Neste ponto, veremos que Brás apenas aceita a liberdade individual da classe alta. Do mesmo modo

que com os escravizados, ele não consegue aceitar que a flor da moita, pertencente a uma classe social mais baixa, possua a mesma liberdade/dignidade.

Há aqui um jogo com as palavras. Eugênia significa “bem nascida”. No entanto, nasceu fora do matrimônio, sendo apelidada por Brás de “flor da moita”. Já o nome de mãe, Eusébia, significa “religiosa”, o que também ironiza o fato de ela ter se relacionado com um homem casado.

Eugênia é estigmatizada pela sociedade, que a vê como um erro. Tanto por ser fruto de um caso amoroso, quanto por ser coxa. Ela não tem como alcançar, portanto, a “perfeição” esperada pela sociedade, que é o que busca Brás Cubas. E assim, estando de acordo com o Realismo e o Naturalismo, devido às suas condições, está fadada a não ter seu final feliz.

Veremos que ninguém alcança esse final feliz. Nem Brás Cubas, nem seus amores. Marcela morre velha, feia, pobre e sozinha. Eugênia termina em um cortiço ainda coxa e ainda triste, além de sozinha. Nhã-Loló morre durante sua juventude, sem nem experimentar o amor. E Virgília termina viúva e, segundo Brás, continua linda. Por ter se casado, alcançou o status desejado pelas mulheres, que, para o pensamento da época, seriam felizes apenas no casamento. Ela é a que apresenta o melhor final, mostrando seu destaque na história de Brás.

Antes de tratarmos de seu amor por Virgília, grande amor de Brás, veremos o amor por Eugênia e por Nhã-Loló. Brás conhece Eugênia ao retornar da Europa, quando visita Dona Eusébia. A menina de dezesseis anos era bonita, bem-educada e, ainda que tivesse pouca idade, comportava-se como uma senhora. Ele a considera uma menina digna para o casamento. “Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril” (MACHADO, 2014, p.115).

Considerando as qualidades de Eugênia e o interesse inicial de Brás por ela, poderíamos esperar que dessa relação nascesse o amor-paixão de Stendhal, aquele em que o amante é levado a tomar atitudes fora de seu próprio interesse em prol do sentimento. Havia algo que Brás deveria superar em prol do amor: Eugênia era coxa; “Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?” (MACHADO, 2014, p.115).

É possível criarmos a expectativa do “surgimento e continuidade” do amor-paixão, porque Brás, além de apreciar a dignidade da menina, segue indo visitá-la mesmo depois de conhecer a “ressalva” da flor da moita, e ainda permite que se consolide a fase do prazer do beijo. Assim, poderíamos esperar que Brás superasse o preconceito e as diferenças entre os dois para viver seu amor. No entanto, a expectativa de uma resolução ou de uma complicação romântica surge apenas no leitor ingênuo e de “alma sensível”, pois o leitor acanhado (descrito pelo narrador como “mon semblable, mon frère”) é sensível aos valores morais do narrador e, portanto, se mostra capaz de decodificar a dissimulação de Brás.

Qualquer expectativa romântica é frustrada no momento em que Brás, alegando a necessidade de atender ao chamado de seu pai, despede-se da moça e volta para perto de seu progenitor. À coxa, a desculpa do chamado; ao leitor, a desculpa do “defeito de nascença”.

Contudo, conhecendo a índole de nosso narrador, aproximamo-nos da leitura de Schwarz e consideramos que o defeito físico é apenas um alibi para o narrador. “O rapaz não se dá conta do defeito de Eugênia senão tarde, quando a dignidade da criatura pobre já o havia incomodado” (2000, p.59). Assim, Brás “despejará sobre a deformidade natural os maus sentimentos que lhe inspira o desnível de classe, e mais importante, verá a iniquidade social sem culpa e sem remédio dos desacertos da natureza” (2000, p.60). Brás mascara, portanto, de forma cruel e desleal com o leitor, seu motivo para não concretizar o amor-paixão.

O maior problema, no entanto, é que ser coxa, bastarda e pobre não impede Eugênia de preservar sua dignidade. Ela não se submete a Brás, o que para ele é inaceitável. Os valores do narrador tornam inadmissível a dignidade como direito dos pobres. Ao retomarmos a frase “praticava o romantismo prático e o liberalismo teórico” (MACHADO, 2014, p.98), percebemos que essas palavras só serviram de embelezamento retórico.

Neste amor, além de nos privar do desenlace romântico com Eugênia, que é a personagem mais pura do livro, ele não aceita que ela tenha liberdade individual, dignidade e que não se envergonhe

da classe à qual pertence. Aqui, Brás põe em xeque seus valores românticos e liberais, e o amor-paixão de Stendhal é podado prematuramente (na segunda fase), abortando do relato das memórias de Cubas o retrato do que seria o amor mais simbólico do romantismo: o amor-paixão.

Após Eugênia, analisaremos o amor de Brás por Nhã-Loló. Ele a conhece através de sua irmã, Sabina, que desejava vê-lo casado e livre da relação adúltera que o colocava à mercê de "maus" rumores. Segundo o narrador, Nhã-Loló era uma moça de aspecto angelical, terna, luminosa, educada, bonita e graciosa. Ainda que ela não fosse proveniente da classe mais abastada, nutria o desejo da ascensão social e valorizava as aparências.

Brás demonstra, em alguns trechos, ter se interessado por Nhã-Loló e ter cogitado a possibilidade desse casamento. Nota-se, no entanto, que maior parte dessa disposição foi decorrente dos esforços da irmã.

Logo percebemos que esse "amor" se assemelha ao amor-gosto de Stendhal, aquele em que não há nada de paixão ou de imprevisto, que se adapta a nossos interesses. Também se assemelha ao amor-gosto, porque é possível perceber que, embora ele tenha cogitado o casamento, não empreendeu grandes esforços por seu amor – como os sacrifícios feitos na juventude por Marcela.

Além dos esforços investidos pela irmã nesse casamento, acreditamos que também tiveram influência sobre as atitudes de Brás o tédio e a vaidade. No que tange à vaidade, resgatemos os conselhos dados pelo pai: "Todo o homem público deve ser casado" (MACHADO, 2014, p.110). Logo, o casamento seria vantajoso, lhe traria mais estima pública, o que o ajudaria a ascender na vida política.

Sabina, sua irmã, também menciona a questão da imagem de um "solteirão": "Não, senhor, agora quer você queira, quer não, há de casar, disse-me Sabina. Que belo futuro! Um solteirão sem filhos" (MACHADO, 2014, p.210). Não seria impossível imaginarmos que, ao dizer isso, Sabina estivesse preocupada apenas com o bem-estar do irmão; essa hipótese torna-se fraca, no entanto, quando consideramos o momento em que ela diz que não sabia se poderia ir jantar na

casa de Brás por ele ser um homem solteiro. Não deixaremos de citar também a frase de Cotrim, quando Brás o consulta sobre o casamento com Nhã-Loló:

Acho que é indispensável casar, principalmente tendo ambições políticas. Saiba que na política o celibato é uma rêmora. Agora, quanto à noiva, não posso ter voto, não quero, não devo, não é de minha honra (MACHADO, 2014, p.213).

Considerando os conselhos dados pelos familiares de Brás, evidencia-se uma característica bastante recorrente na sociedade da época – a vaidade, a hipervalorização da imagem e a conveniência –, questões essas também presentes na caracterização do amor-gosto feita por Stendhal. "É verdade que, se tiramos a vaidade desse pobre amor, resta bem pouca coisa; uma vez privado de vaidade, é um convalescente que mal pode arrastar-se" (STENDHAL, 1993, p.3).

Há, no entanto, em Nhã-Loló, uma característica a partir da qual poderíamos contestar a questão da vaidade: do mesmo modo que Eugênia, ela também era pobre. Ainda assim, como bem aponta Schwarz, Nhã-Loló busca subir e deseja ter o "pouco de corte que – segundo Sabina – lhe falta". Ela se esforça para adotar uma postura condizente à da classe alta, tratando de mascarar a inferioridade de sua família.

Aqui encontramos a diferença entre Eugênia e Nhã-Loló: o interesse de Brás por Eugênia era muito mais crível. No entanto, o casamento entre os dois não satisfaria os desejos e as expectativas da família, da sociedade e do próprio Brás. Por isso, Brás foge assim que percebe que poderia apaixonar-se pela "flor da moita". Com Nhã-Loló ele assume a postura contrária, chegando a cogitar a hipótese de casar-se com ela.

Finalmente, julgamos necessário aludir ao fato de que, como ocorrido com Eugênia, o amor propriamente não chega a concretizar-se. Nhã-Loló é acometida por uma grave doença e morre antes mesmo de terem desfrutado do prazer do beijo; ou seja, ao relacioná-lo com as fases de Stendhal, é possível verificar que este amor nem chegou à segunda fase, terminando antes do surgimento do amor.

Essa não realização do amor está presente no livro, ao passo que, logo após a morte de Nhã-Loló, nos deparamos com a seguinte "confissão": "Não digo mais nada, a não ser que a acompanhei até o último jazigo, e me despedi triste, mas sem lágrimas. Concluí que talvez não a amasse deveras." (MACHADO, 2014, p.215).

Para Brás Cubas, é muito difícil compreender seus sentimentos, como vemos no trecho a seguir:

Era medo, e não era medo; era dó e não era dó; era vaidade e não era vaidade; enfim, era amor sem amor, isto é, sem delírio; e tudo isso dava uma combinação assaz complexa e vaga, uma coisa que não podereis entender, como eu não entendi. (MACHADO, 2014, p.198)

Nesse fragmento, o narrador-personagem se refere ao bilhete que Virgília lhe enviou acerca da possível desconfiança que Lobo Neves, seu marido, poderia ter. Ele diz não saber como se sentia. E vemos, então, que o amor para ele não é algo simples, estando sempre relacionado, por exemplo, com a vaidade.

Segundo Brás Cubas, “há duas forças capitais: o amor, que multiplica a espécie, e o nariz, que a subordina ao indivíduo. Procriação, equilíbrio.” (MACHADO, 2014, p.133). A presença da vaidade e sua interferência nos amores do protagonista é constante, mas o amor no qual a vaidade esteve mais presente foi seu grande amor: Virgília.

Apesar de tratarmos seu amor por Virgília por último, não pretendemos, com isso, conferir-lhe menor importância. Aproximando-nos da leitura de Virgília feita por Augusto Rodrigues, em “Mulheres Póstumas de Brás Cubas: Virgília redescoberta”, consideramos a filha do conselheiro Dutra a mulher mais importante na trajetória de Brás. Primeiramente, porque ela é a personagem que mais acompanha o leitor ao longo do enredo. O narrador utiliza-se dela para ligar os fatos de sua morte à juventude, ou, melhor dizendo, para ligá-los ao momento de seu nascimento, fazendo de Virgília uma espécie de fio condutor do enredo.

Além disso, a descrição dessa amada é pormenorizada:

Bonita, fresca, saída das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, - devoção, ou talvez medo; creio que medo (MACHADO, 2014, p.108).

Deparamo-nos com a descrição detalhada da roupa que ela portava no momento da visita na alcova; a atenção dada aos ombros descobertos nos bailes - até a forma como ela se comportava a cada situação. A descrição do humor de Virgília também é frequente, seja nos encontros na casa da Gamboa ou na casa de Lobo Neves, seja na presença ou na ausência do marido. Outro ponto que devemos levar em conta é que Virgília é a única personagem que é imortalizada na forma de leitora. O defunto autor estabelece um diálogo com ela, tornando-a, assim, a única mulher de seus amores a escapar da morte ou da mendicância.

Ainda que o narrador afirme que a beleza de Virgília foi realçada após o casamento com Lobo Neves, não há nenhum motivo aparente para a inicial falta de empenho em relação ao matrimônio tão desejado pelo Cubas-pai, que via nele uma possibilidade de um bom negócio para a ascensão política do filho. Brás, inclusive, concorda que, ao conhecer Virgília, encontrou nela todas as qualidades anteriormente atestadas por seu pai. Talvez, o ponto seja que, como o próprio narrador afirma, apenas ama-se uma vez a mesma mulher. O amor por Virgília, portanto, não surgiria na possibilidade de matrimônio, que Brás Cubas perde apenas com um leve despeito, mas quando há um empecilho, quando se estabelece a impossibilidade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, - coitadinha, - trêmula de medo. (MACHADO, 2014, p.137-8)

Poderíamos considerar que a mudança do olhar de Brás sobre Virgília se dá em decorrência do tempo (da maturidade); o que dialoga com a ideia de Stendhal de que um jovem de dezoito anos não possui suficiente cristalização, ou seja, não apresenta as condições de amar de alguém de vinte e oito anos. No entanto, tendo conhecimento da índole de nosso narrador, acreditamos na possibilidade de este surgimento tardio do amor ser uma representação do desejo de posse característico da burguesia. Brás não deseja Virgília quando pode casar-se com ela, mas sim no momento em que ela está casada com outro, ou seja, quando ele “não poderia” tê-la.

É quando o amor entre os dois se torna “proibido” que ele a deseja a qualquer custo. E, apesar de Virgília ser uma mulher casada de acordo com os valores da burguesia, ignora-os por amor. Mas não os abandona, decidindo por fim não permanecer com Brás Cubas, a fim de não perder o prestígio social que tinha.

Brás Cubas tinha sua definição de amor para homens e para mulheres. Logo que Virgília surge magnífica descendo as escadas, o narrador-personagem cita Stendhal e afirma ao leitor que a mulher costuma entregar-se por amor,

Ou seja, o amor-paixão de Stendhal, ou o puramente físico [...]; mas o homem - falo do homem de uma sociedade culta e elegante - o homem conjuga a sua vaidade ao outro sentimento. Além disso (e refiro-me sempre aos casos defesos), a mulher, quando ama outro homem, parece-lhe que mente a um dever, e portanto tem de dissimular com arte maior, tem de refinar a aleivosia; ao passo que o homem, sentindo-se causa da infração e vencedor de outro homem, fica legitimamente orgulhoso, e logo passa a outro sentimento menos ríspido e menos secreto - essa boa fatuidade, que é a transpiração luminosa do mérito. (MACHADO, 2014, p.219)

Este tipo de amor que Brás afirma sentir é o amor-vaidade de Stendhal: deseja-se “ter uma mulher da moda, assim como se tem um belo cavalo”. A pessoa amada é venerada pela sua beleza ou traço que a torne especial e diferente de todas as outras, como um objeto necessário para a satisfação pessoal.

Quando Brás e Virgília iniciaram seu amor adúltero, não constatamos a vaidade como o desejo de exibir a bela e jovem mulher; a vaidade está na possibilidade de conquista da mulher de Lobo. Vale lembrar que, justamente neste momento, temos o episódio da moeda, em que Brás afirma devolvê-la por acreditar ser o correto – o que não passa de pura dissimulação e vaidade, já que o feito aparece nos jornais –, e em seguida, quando a quantia é maior, ele perde o pudor e aceita ficar com o bem alheio. A vaidade de seu amor está na possibilidade de sanar seu leve despeito por haver perdido a noiva e a posição política para Lobo. Brás deseja “roubar” Virgília, deseja fugir com ela e cria uma expectativa (ausente no amor-vaidade de Stendhal) de uma história que sacie a sede das românticas “almas sensíveis”. Contudo, novamente essa expectativa é frustrada (como foi com Eugênia), uma vez que Brás se contenta com a ideia de Virgília ser sua, ainda que também fosse de Lobo Neves.

Mais adiante no relacionamento, a vaidade também passa a traduzir-se na questão da exibição, visto que Brás deixa de irritar-se e passa a sorrir condescendentemente às insinuações feitas sobre seu relacionamento. Depois de sorrir uma vez, passa a sorrir todas as vezes, considerando Virgília "um belo erro".

A vaidade não está presente somente em Brás, mas também na amada. Quando ele lhe propõe a fuga, ela nega, temendo perder o prestígio público. E ainda, quando confrontada com a necessidade de decidir entre seguir seu marido nas empreitadas políticas ou ficar ao lado de Brás para viver o que se supunha ser o maior amor da vida dos dois, ela decide pelas vantagens do status matrimonial.

Acontece que, para a sociedade da época, o casamento era o modo de as mulheres ascenderem socialmente, uma vez que não tinham espaços de trabalho. O máximo de voz e poder com que podiam sonhar era casar-se com um homem rico e estar ao seu lado na alta classe, que é o que faz Virgília.

Não houve, portanto, nenhum grande inconveniente que pusesse fim ao longo amor de Brás e Virgília. A extinção se deu pelo tédio. Quando ela parte, o defunto autor ainda zomba das expectativas romanescas dos leitores, dizendo:

Não a vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu bem sei que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico. A realidade pura é que eu almocei, como nos demais dias (MACHADO, 2014, p.203-4).

É neste ponto que o amor de Brás por Virgília deixa de dialogar com Stendhal, pois, segundo este, o amor-próprio espicaçado e a angústia do abandono fazem com que acreditemos estar apaixonados e melancólicos, pois a vaidade aspira a acreditar-se uma grande paixão.

Considerar Virgília a mulher/o amor mais importante na vida de Brás, neste estudo, tem um valor particular. A partir do momento em que estabelecemos o diálogo entre esse amor e o amor-vaidade, nos damos conta de que essa é a característica mais presente/recorrente no narrador e, conseqüentemente, na sociedade da qual ele seria de símbolo.

Do mesmo modo que o narrador considerou o fato de Eugênia ser coxa (na realidade pobre) como um empecilho para o relacionamento, deveria ter considerado o fato de Virgília ser casada e, além disso, de ter um filho. Percebe-se, novamente, que as desculpas de Brás estão embasadas na conveniência e que, ainda que a sociedade comente o relacionamento entre os dois, Brás aceita sorrindo, pois ela ocupa uma posição favorável.

A partir da tentativa de analisar os amores de Brás, nos foi possível constatar alguns pontos nos quais “Memórias Póstumas de Brás Cubas” dialoga com “Do amor”, de Stendhal. Ainda que haja inúmeros pontos de convergência e diversas aproximações possíveis, é evidente que as percepções do amor são diferentes.

Stendhal apresentou uma forma científica de ver o amor e, mesmo alimentando as expectativas românticas do amor-paixão, não excluiu temas pertinentes à análise das relações sociais como a vaidade e a conveniência. O narrador de Machado, entretanto, nos cria, intencionalmente, as expectativas do amor-paixão, como no caso de Eugênia, e se satisfaz frustrando-as todas de forma cruel.

Em Stendhal, a vaidade está presente, mas não impede a “materialização” do amor-paixão, símbolo do romantismo; nas *Memórias*, porém, a vaidade não só permeia toda a vida de Brás – muitas vezes mascarada – como também serve de empecilho para o que poderia ser o amor-paixão. Com ironias e mentiras, o narrador destrói todas as possibilidades de transformação e de “final feliz”.

BRUSCATO, A. M., BUGANI, K. J. C. Uma leitura dos amores de Stendhal em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Mosaico. São José do Rio Preto, v.17, n.1, p. 40-57, 2018.

A READING ON THE LOVES OF STENDHAL IN “THE POSTHUMOUS MEMOIRS OF BRAS CUBAS”

ABSTRACT: The present work analyses Machado de Assis’ book “The Posthumous Memoirs of Bras Cubas” based on Stendhal’s book “On Love”. Bras Cubas, narrator-protagonist of the novel, has four loves in his life: Marcela, Virgília, Eugênia and Nhã-Loló. There are also four types of Love, according to Stendhal: the physical love, the passionate love, the vanity love and the mannered love. Without the intention of fitting each type of love proposed by Stendhal in each relationship lived by the character, we wish to discover in which ways the two works dialogue.

KEYWORDS: Love; Machado de Assis; Stendhal; The Posthumous Memoirs of Bras Cubas.

Referências bibliográficas

ARAÚJO et. al. *Memórias Póstumas de Brás Cubas e a Representação Crítica do Processo de Modernização Brasileira*. *Revista Arredia*. Dourados, v.5, n.8, p.53-64, jan./jun. 2016.

ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

RODRIGUES, A. *Mulheres Póstumas de Brás Cubas: Virgília Redescoberta*. *Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários*, Rio de Janeiro, v. 13, p.26-37, out. 2008.

SCHWARZ, R. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

STENDHAL, H. *Do Amor*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1993.